

terrasdabeira

Imprimido em 04-12-2013 10:20:03

Jornal TERRAS DA BEIRA

Edição de 05-12-2013

Versão original em: <http://www.terrasdabeira.com/index.asp?idEdicao=846&id=43089&idSeccao=7556&Action=noticia> >

SECÇÃO: Opinião

13.ª crónica: SOS avestruzes

Nas savanas de África, a avestruz é vista por muitos predadores como uma espécie de buffet sobre patas; leões, hienas e chitas são alguns dos carnívoros que a mantêm regularmente no menu. Outras espécies, de abutres do Egipto a mangustos, alimentam-se dos seus volumosos ovos.

Para se defender, a avestruz não depende apenas da velocidade, que atinge 70 km/h. Em defesa das crias, pode ser uma lutadora temível, havendo casos registados em que até leões foram mortos pelas suas patas, tremendamente fortes e munidas de uma afiada garra. Mesmo com toda esta devoção maternal, apenas 15% das avestruzes sobrevivem até ao seu primeiro aniversário...

Perguntará o leitor: e que temos nós a ver com avestruzes? Efectivamente, o Projecto Med-Wolf opera na Guarda e Castelo Branco, algo distante dos habitats naturais da maior ave do mundo. Mas houve em Portugal, nos anos 90, um boom de explorações de avestruzes; chegaram a ser mais de 50. Hoje em dia, restam apenas as mais sólidas; uma delas situa-se em pleno concelho de Almeida.

Ora podemos não ter muitos leões por cá, mas temos lobos. E uma avestruz pouco pode fazer, sem as extensões abertas da sua savana natal, para evitar os ataques de uma alcateia determinada. Resultado? A partir de 2012, esta exploração começou a sofrer prejuízos. Análises ao ADN recolhido nos animais atacados – e provas fotográficas! – certificaram que se tratava mesmo de obra de lobos, não de cães selvagens.

Como impedir a continuação destes prejuízos? Soluções usadas com gado mais convencional, como cães de gado, não eram aplicáveis, dada a urgência do caso.

Hoje, a resposta está pronta: uma vedação que cobre os quase 1.400 metros de perímetro da exploração, com uma altura de 2,50 m, encimada por um fio electrificado (para frustrar escaladas), e com um obstáculo subterrâneo para impedir escavações de lobos mais engenhosos.

A obra resultou da conjugação de esforços entre o Projecto e o proprietário, contando ainda com a colaboração do ICNF. Os técnicos da Escola Superior Agrária de Castelo Branco supervisionaram a construção. O criador das avestruzes apenas suportou os custos relativos à mão-de-obra (40% do total).

Os ataques e consequentes prejuízos terminaram de imediato.

Uma variante desta técnica tão eficaz são as vedações electrificadas móveis, bastante úteis para acompanhar o gado, pois facilmente se desmontam e montam. E, noutros tempos, já se usaram em Castelo Branco as chamadas "bandeiras": uma corda esticada em torno do bardo, a meio metro do solo, onde por vezes eram penduradas peças de roupa velha ou pedaços de tecido, a intervalos regulares. Sem que se saiba ao certo o motivo, os lobos parecem, pelo menos por uns tempos, intimidados por esta decoração, não se aproximando; em algumas regiões fronteiriças de Espanha, como Zamora, ainda se aplica este método.

Proteger o gado é a nossa primeira prioridade. Para diminuir as razões de queixa dos criadores e demonstrar que lobo e Homem podem e devem viver em harmonia, lado a lado.

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.

© 2003 Terras da Beira - Produzido por ardina.com, um produto da Dom Digital.

Comentários sobre o site: webmaster@domdigital.pt.

[Fechar](#)